

# A DIALÉTICA DAS ALTERNATIVAS\*

Pablo Gonzalez Casanova

Para Samir Amin

## A PESQUISA DAS ALTERNATIVAS HODIERNA

Como faremos as ciências sociais agora que se declarou guerra pela “Liberdade duradoura”? Creio que em parte continuaremos a fazê-la como no passado e em parte de maneira distinta e até muito distinta. Mas, o que quer dizer, muito distinta?

Creio que quer dizer que às velhas alternativas de reforma ou revolução, de nacionalismo revolucionário ou populista, de ditadura militar ou democracia capitalista ou socialista, acrescentaremos uma alternativa emergente que tem antecedentes em Rosa Luxemburgo e no último Trotski, em Che e Marcuse, em Gramsci, e para não irmos mais longe em Marti e no próprio Rousseau... E, então, por que é muito distinta? Porque agora sabemos que o socialismo real não é o socialismo e a democracia real não é a democracia. Mas se sabemos isto, ou se dizemos que sabemos isto, temos que por os pontos nos is.

Certamente, para fazer ciências sociais, na hora da guerra global do século XXI, necessitamos precisar melhor o que queremos dizer com cada palavra que utilizamos, esclarecer nossos conceitos. Esclarecê-los para nós mesmos e para os outros, para os “muitos”, como diriam os zapatistas. E pensar-se-ia, sem dúvida, que o mais difícil é precisar as palavras e conceitos para os

“muitos”; mas talvez seja mais difícil ter a modéstia pública e privada de redefinir nossas próprias palavras e conceitos.

Patrick Bond e Nzwanela Mayekiso, da África do Sul, falam do “fracasso generalizado para questionar e criticar de forma rigorosa as estratégias políticas da sociedade dos pobres”.<sup>1</sup> Têm razão. Mas para sermos rigorosos, necessitamos impulsionar um novo estilo de discutir sem teses contundentes nem desqualificações cruéis. Com o fracasso dos projetos alternativos, social-democratas, comunistas e de libertação nacional, não podemos continuar nos atacando e defendendo com prepotência pomposa, doutrinária. Se antes era ruim, agora é pior.

Ao mesmo tempo não podemos esquecer o que disse o clássico: “Nossos discursos serão úteis na medida em que deles se desprenda uma vontade política coletiva.” Necessitamos compreender *juntos*, transmitir *a muitos*, transmitir *com* muitos o rico significado dos conceitos e as palavras *de uma alternativa atual feita de muitas alternativas* (o que não é uma frase). Também temos que aprender a



Rosa Luxemburgo



Che Guevara

\* Tradução de Dina Lida Kinoshita.

arte de formarmos um juízo sobre uma situação particular, um coletivo ou uma pessoa. Essa arte de formarmos um juízo de algo ou de alguém em concreto aumentará nossa força: o juízo que nos fizermos vinculará nossos conceitos gerais a nossas ações particulares. Mostrará coerências e incoerências; consistências e inconsistências de estratégias e práticas para alcançar objetivos. Levará a uma autocrítica útil que sirva para superar erros e não se restrinja a culpar e desqualificar.



Marcusse

É bem sabido; a mesma palavra muda de significado de acordo com quem e onde se diz. Essa diferença exige atenção: a diferença do tom, do gesto, do ator social ou pessoal é o problema. É preciso cultivar “a virtude de *refletir na deliberação*”. Estabelecer pontes e políticas de aproximação entre os que fazem análises sociais e os que as ampliam e põem em prática. O que dizem estes e aqueles?<sup>2</sup> Ainda que nos encontremos longe de uma ação coletiva, ao fazer ciências sociais precisamos buscar palavras que conduzam a uma ação coletiva. E acabar com a cultura sem diálogo entre os que são predominantemente reflexivos e os que são predominantemente ativistas. Ao mesmo tempo evitaremos cair de novo nessa desqualificação contundente da academia pelas organizações de massa e *vice-versa*. Concretamente, e a cada passo, veremos o que podem dar os “especialistas” às organizações alternativas, e como os novos “intelectuais orgânicos” podem enriquecer-se com movimentos de várias culturas, crenças e costumes.

Mesmo que estejamos na academia, ou na praça, ou na selva, temos que cultivar a precisão e a clareza como a arte da coerência entre o que se diz e faz, e o da coesão com as “vítimas”, ou com os “oprimidos”, ou com os “condenados da terra”. Coerência e coesão são cada vez mais necessárias na medida em que os movimentos alternativos estão passando de uma “luta contra o neoliberalismo e pela humanidade” a uma guerra das forças dominantes e dos complexos militares-industriais “pelo neoliberalismo e contra a humanidade”. As ciências sociais têm que esclarecer o que significa a declaração da guerra pela “liberdade perdurável” e que implicação tem essa mudança para as forças alternativas, sejam essas moderadas ou radicais, “institucionalistas” ou “anti-sistêmicas”.



Gramsci

## DEFINIÇÕES E DIALÉTICA

Ao tentar uma análise mais profunda do que ocorre, os conceitos e as palavras se inserem no curso e no discurso de feitos que aparecem entre contradições. Os discursos se formulam e expressam entre dialéticas e diálogos que procuram encontrar o sentido do que ocorre e querem expressá-lo para redefinir as metas e a melhor maneira de alcançá-las.

Assim, no atual processo de definir e redefinir as alternativas verifica-se que nem o socialismo real nem a democracia realmente existente podem ser considerados como socialismo nem como democracia. Só que este juízo é relativo, e parece necessário esclarecer seu caráter relativo para não cair em discussões inúteis. Este juízo se baseia na confrontação do socialismo como *projeto* histórico com o socialismo como *processo* histórico, ou da democracia que *se projetou* com a *que se alcançou*.<sup>3</sup>

Sustentar que em relação ao *projeto* histórico do socialismo não houve socialismo parece razoável. As altas metas dessa sociedade não foram alcançadas nas experiências históricas passadas ou presentes. O raciocínio em função do projeto tem várias vantagens: de um lado o desprestígio em que caiu o *projeto socialista* no final do século XX não se atribui ao socialismo como projeto ou como modelo de sociedade, pois se afirma que o chamado socialismo real não era socialismo. Por outra parte se reafirma a esperança no socialismo como solução dos problemas humanos e se estabelecem os problemas de como continuar lutando por esse ideal não alcançado.

Em troca, ao pensar no socialismo como um processo histórico muito complexo e prolongado e se analisa *o ocorrido com o projeto* é preciso reconhecer que as lutas anteriores pelo socialismo não só tiveram fracassos, mas também êxitos, e alguns muito notáveis que não cabe ignorar, entre os quais se destaca como um patrimônio da humanidade, o socialismo em Cuba.<sup>4</sup> Então, pode-se dizer, que vendo o curso da história do socialismo, este teve experiências de governo muito importantes, digamos desde da Comuna de Paris, e que houve exitosas, *no meio de graves contradições*

que devemos estudar muito mais.<sup>5</sup> Entre as experiências exitosas encontram-se não só as dos governos social-democratas que floresceram sob o capitalismo, mas também as dos Estados dirigidos pelos comunistas e por movimentos de libertação nacional mais radicais.

No que se refere ao termo democracia, se escolho a esplêndida definição dada por Lincoln para democracia como “o governo do povo, para o povo e com o povo”, posso dizer que esse projeto não foi cumprido e posso recordar o grito que ressoou em Seattle: “Este país não é democrático. Esse mundo não é democrático.” É um grito exato.

Há mais, se estudo o processo histórico das lutas pela democracia, posso dizer como Chomsky, que desde os séculos XVII e XVIII perderam as forças que lutavam pela democracia na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, e que, como diria Madison, nos Estados Unidos a democracia se fez sobretudo “para assegurar que o país fosse governado por seus proprietários”.<sup>6</sup> Algo semelhante poderia sustentar sobre o ocorrido com a democracia no resto do mundo. Foram muitos os proprietários, os burocratas

Assim, no atual processo de definir e redefinir as alternativas verifica-se que nem o socialismo real nem a democracia realmente existente podem ser considerados como socialismo nem como democracia.

e os políticos que disseram governar em nome do povo e que definiram o conceito de democracia para que este se aplicasse à política das elites e das classes dominantes.<sup>7</sup>

Entretanto, esses fatos não permitem esquecer que nas lutas pela democracia aparecem contribuições muito importantes para um novo projeto de democracia, de socialismo e de libertação. As lutas pela democracia vêm criando uma alternativa complexa que inclui as lutas pela justiça, pela independência e a soberania das nações, pela tolerância e a representação e participação política. Todas essas lutas são fundamentais para a nova alternativa. A nova alternativa é inconcebível em nível mundial sem uma cultura universal da tolerância, do respeito ao pluralismo religioso, ideológico, cultural, bem como às distintas raças,

aos gêneros, às preferências sexuais, aos espaços laicos, aos pensamentos críticos, à equidade e a justiça social e às variadas formas da autonomia e soberania das nações e povos. Basta para isso ler a Declaração do I Encontro contra o Neoliberalismo e pela Humanidade convocado pelos zapatistas,<sup>8</sup> ou a mais recente, de Porto Alegre, Brasil.<sup>9</sup>

As lutas democráticas, no meio de contradições inenarráveis, têm contribuições que não podem ser esquecidas. Nelas cabe incluir em primeiro lugar as que o liberalismo clássico invocou a favor da tolerância, da cultura laica, do respeito às diferentes religiões e filosofias e à liberdade de expressão.

Aproveitar os legados das lutas pelo socialismo e a democracia não só permitirá precisar o sentido polissêmico destas palavras bem como o uso que tradicionalmente têm feito delas distintos tipos de oligarquias ou elites que vêm pretendendo representar cidadãos, classes e povos.

## CONCEITOS ESQUECIDOS E REDEFINIDOS

Aqui entram outros dois conceitos fundamentais para estudar a alternativa para o mundo atual como projeto e como processo. Refiro-me aos conceitos de capitalismo e imperialismo. Estes termos sofreram um sério desprestígio nos últimos anos do século XX e caíram em desuso. O mesmo ocorreu com seus opostos, socialismo e libertação. Sua ausência provisória do discurso alternativo também se deveu a outros dois fenômenos. Um foi a mudança histórica do projeto alternativo mediante a redefinição de prioridades e de atores. Outro, foi, a redefinição de léxicos e conceitos *com* as próprias coletividades que experimentam as necessidades de enriquecer sua linguagem e suas idéias e de expressar as experiências vividas e seus próprios imaginários. Assim começou a destacar, junto com o novo, o velho que é valioso. Ambos reaparecem cada vez que povos, trabalhadores e cidadãos, enfrentam os “interesses de classe”, às oligarquias, burguesias, corporações bem como os aparelhos estatais e empresariais que formam verdadeiros complexos locais e globais.

Com a crise das políticas assistencialistas e social-democratas, os chamados “novos movimentos sociais” mostraram mais possibilidades para atuação que as velhas frentes nacionais ou populares, ou

que as uniões e federações de trabalhadores e que os partidos políticos, inseridos em sua maioria no curso e discurso anterior, e que formavam parte de Estado do Bem-Estar ou desenvolvimentista. As vanguardas e líderes dos novos movimentos aprenderam a não utilizar palavras desprestigiadas, que os metiam em discussões inúteis. Aprenderam a pensar-atuar e criar *com* “os que calam”, *com* “os sem rosto”, e também com os que reclamam direitos sociais e individuais e serviços públicos que lhes têm sido arrebatados pelas políticas neoliberais. Uma *análise de conteúdo* do discurso dos movimentos sociais dos fins do século XX talvez confirmasse que nos anos 90, raras vezes se empregaram os termos “capitalismo”, “imperialismo”, “colonialismo”, “socialismo”.

Só os porta-vozes do capitalismo e do imperialismo vitoriosos utilizaram esses termos para celebrar o sistema triunfante. Milton Friedman declarou que “a economia de mercado” e o “capitalismo” são a mesma coisa. Henry Kissinger sustentou que a “globalização e o imperialismo” são a mesma coisa. Michel Novak, dos EUA, em um sermão, afirmou que “o capitalismo é a forma de organização mais próxima do Evangelho”. Michel Campdessus, tristemente célebre por ter dirigido o Fundo Monetário Internacional (FMI), ousou dizer à frente de Sua Santidade o Papa, que o FMI “é um dos elementos da construção do reino de Deus”.<sup>10</sup>

Declarações tão prepotentes, se combinaram com discursos que deram por morto o mal do capitalismo, do imperialismo e do colonialismo, e começaram a falar do pós-capitalismo, do pós-imperialismo, e do pós-colonialismo. Os novos termos deram a sensação de que o mal que denotavam havia sido rebaixado pela história. Seus autores os apresentaram com uma agressividade especial contra os que continuaram empregando os termos capitalismo, imperialismo e colonialismo para criticar e julgar esses fenômenos. Acusaram os que os utilizavam de “conservadores”, de antiquados e de incapazes. Apresentando-se como representantes da “verdadeira ciência” convidaram a pensar que não existe alternativa à “globalização neoliberal” e ao “livre mercado”. Nos níveis mais baixos da luta, foram poucos os que como Daniel Singer sustentaram que “outro mundo é possível”. Foram

menos os que na academia ou nos partidos e sindicatos de trabalhadores começaram a destacar o que havia realmente de novo na emergência de uma alternativa histórica “feita de muitas alternativas”.

## REDEFINIÇÃO DAS TEORIAS GERAIS E DOS ATORES SOCIAIS

Os movimentos sociais alternativos do fim do século XX viveram a “crise do sistema histórico” sem uma teoria geral e sem que a imensa maioria se desse conta do “desaparecimento do sistema” a curto prazo.<sup>11</sup> Entre os teóricos mais radicais, as idéias de uma crise sistêmica prolongada (Wallerstein) ou de um sistema que se acabará por desintegração, tenderam a predominar, inclusive, entre aqueles que pensaram a possibilidade de uma transformação sistêmica relativamente controlada. Samir Amin reivindica uma nova teoria de longa transição do capitalismo ao socialismo. Nela caracterizou a transição como “um conflito interno de todas as sociedades do mundo entre as forças e lógicas que reproduzem as relações sociais capitalistas e as forças e aspirações fundadas em lógicas antisistêmicas [...]”. Nessas se encontra a organização do trabalho não alienado, a organização de relações que não são iníquas, a construção de relações que deliberadamente cuidem da “natureza”, e a implantação de alianças nacionais, populares e democráticas capazes de resolver de formas não autoritárias os conflitos que surjam no

seio do povo. Samir Amin propõe a construção do socialismo como uma nova forma da luta de classes que estende e fortalece as relações sociais que não são mercantis, nem exploradoras, nem depredadoras, nem autoritárias.<sup>12</sup>

As mudanças nas crenças anti-sistêmicas se enlaçaram com as mudanças nas idéias e ações. Os atos de conversão se combinaram com os

Com a crise das políticas assistencialistas e social-democratas, os chamados “novos movimentos sociais” mostraram mais possibilidades para atuação que as velhas frentes nacionais ou populares...



Milton Friedman

atos de persuasão. Uns e outros se fortaleceram entre a dor e a fraternidade nos atos de descobrimento inter-comunicativo e de construção coletiva de espaços reais e virtuais, presenciais e à distância, locais e eletrônicos, com línguas, etnias, culturas e posições sociais distintas. A mudança ocorreu nas duas últimas décadas do século XX, entre antecedentes e conseqüências do pensar e narrar, do fazer e criar. A redefinição da teoria e dos atores foi tão dolorosa como o parto da história. Também foi repleta de emoções.



Samir Amin

corromper, dizimar e até eliminar organizações alternativas e bases de apoio com vidas e pertences.

No processo aprenderam os segredos de um “sistema de sistemas”, com seu variado poder de uma nova espécie de “Estado de Estados”. Souberam de oitiva ou por experiência do domínio mediante a repressão e a negociação, com subsistemas de mediação econômica, social, cultural, política que não só correspondem a

uma ordem nem são apenas ramos de um regime, mas também fazem parte de um organismo complexo, de uma organização feita de hierarquias e autonomias públicas e privadas, governamentais e empresariais.

Em alguns círculos intelectuais da esquerda circularam escritos sobre os complexos militares-industriais-científicos, (em particular dos EUA, criado desde a época de Eisenhower), que articulam as tecnociências, as biotecnologias e as ciências da organização complexa, adaptativa e criadora, para aumentar a força do sistema capitalista, do imperialismo e do colonialismo, e para controlar *a seu favor* as crises de conjuntura, as crises hegemônica, as crises do sistema mundial de dominação e acumulação da propriedade e do excedente, ao mesmo tempo que aumentam a exploração dos trabalhadores e dos recursos naturais, e que aparecem fenômenos de concentração de riqueza e poder e fenômenos de empobrecimento, desregulamentação, marginalização, informalização, discriminação e exclusão, sem precedente em toda a história da humanidade. Assim se esboçou a imagem de uma organização que inclui a ordem e a desordem como elementos de um caos determinístico a que muitos autores – entre outros, Manuel de Landa – se referem como o perigo de “Armagedon” ou do “Pandemônio”.<sup>13</sup>

Os novos movimentos sociais das áreas “semiperiféricas” assistiram à eliminação dos direitos sociais alcançados ao longo dos séculos XIX e XX e sua substituição por *políticas de assistência caridosa*, de “*solidariedade focalizada*”, de “*ação humanitária*”. Voltaram às políticas paternalistas e mesquinhas que se usam na paz para legitimar a dominação patronal e governamental, e que nas “ações cívicas” da “guerra interna” ou “de baixa intensidade” se usam para comprar a vontade e a

### AS LUTAS DE ORGANIZAÇÕES E CLASSES

As lutas se deram em crescentes níveis de profundidade antisistêmica. Aparecer em movimentos de distintas regiões do mundo, mas não em todas. No meio de mil despenhadeiros, seus atores chegaram a redescobrir o capitalismo e o imperialismo com as redefinições mais recentes do sistema, dos subsistemas, dos complexos, das organizações e as redes de dominação e exploração,

de repressão e mediação. Esbarraram neles. Vieram como seus integrantes, se apoiavam uns aos outros, aberta ou discretamente, para combater a resistência popular, cidadã, operária, entre medidas de opressão e apropriação neoliberal e globalizadora que aumentavam a riqueza e o poder “dos poucos” à custa “dos muitos”.

Não souberam do capitalismo por Marx, mas pelo capitalismo. Enfrentaram-se com os integrantes organizados das classes dominantes. Viram-nos atuar em

associações econômicas, em articulações políticas, em alianças terroristas. Viram-nos frear as reivindicações cidadãs, trabalhistas, de movimentos urbanos e rurais, de etnias, de povos inteiros. Viram-nos desestruturar, perseguir, cooptar,

No meio de mil despenhadeiros, seus atores chegaram a redescobrir o capitalismo e o imperialismo com as redefinições mais recentes do sistema, dos subsistemas, dos complexos, das organizações e as redes de dominação e exploração, de repressão e mediação.

dignidade daqueles que vendem sua dignidade ou seu medo como mercadorias.

Os novos movimentos viveram o despojo de territórios e riquezas que conservavam as minorias étnicas. Padeceram velhas e novas formas de exploração da mulher trabalhadora, e das crianças. Viveram o empobrecimento, a privatização e desnacionalização dos sistemas de ensino e das universidades. Sofreram a descapitalização ou usurpação, a privatização e desnacionalização das empresas públicas e os bens nacionais, dos energéticos e outros recursos naturais como a água. Viveram e morreram o despojo do arroz, do milho e do trigo, e na própria carne a chamada “dependência alimentar”. E a pilhagem de suas medicinas tradicionais patenteadas pelas grandes empresas. Sofreram a guerra global “de baixa intensidade” que antes tinha como pretexto acabar com o narcotráfico, e que a partir de setembro de 2001 é relançada como uma “longa guerra” com o pretexto de acabar com o terrorismo.

Se os novos movimentos sociais experimentaram a alegria efêmera das democracias que substituíram os ditadores militares, em poucos anos descobriram que seus sucessores neoliberais impunham a ditadura das políticas do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, e uma democracia das minorias, com as minorias e para as minorias. Os novos movimentos da periferia e do centro do mundo experimentaram em sua vida cotidiana as novas formas de opressão e injustiça do colonialismo, o imperialismo e o capitalismo. Aprenderam de novo que as forças dominantes que se arrogam o direito ao castigo e da vingança contra aqueles que não se rendem ou não se vendem. Viram como sob o pretexto de acabar com o terrorismo refizeram suas políticas de controle militar da recessão econômica, de expansão imperialista e colonialista na Ásia Central e na Palestina, de ataques aos direitos humanos e às liberdades cívicas em todo o mundo incluídos os países metropolitanos, e de extermínio de populações inteiras com armas de alto poder.

No caminho povos e movimentos aprofundaram seus conceitos sobre reivindicações e projetos, não sem viver momentos de desmobilização e desânimo. Em todo caso ir à profun-



Marx

didade dos conceitos não obedeceu a um processo meramente intelectual: está relacionado com um drama em que a vontade e a moral tomam um novo sentido, como o conceito de liberdade, de libertação, de socialismo, de democracia.

#### A PESQUISA “DO NOVO”

Ao se radicalizarem os movimentos sociais e ir ao fundo dos problemas, colocam em primeiro plano seu caráter antisistêmico. Antes só queriam mudar certas políticas sociais e culturais do regime para benefício das coletividades que os respaldavam. Ou só queriam mudar os regimes políticos autoritários, populistas, militaristas. Ou acreditavam que alguns problemas sociais, culturais, políticos e econômicos, começariam a se resolver pela simples alternância de partidos. Pouco a pouco, observam, às vezes desconcertados e “claros”, que o sistema de dominação e acumulação, com seus complexos e organizações dominantes e suas redes de aliados e subordinados, está criando em todas as partes da terra um estado mundial de empobrecimento, opressão e destruição do meio ambiente. *O responsável*, já não é só um governante, ou um partido, ou o sistema político, ou o Estado. A causa do que ocorre tampouco se limita à política neoliberal globalizadora. Estende-se a fenômenos que os movimentos anteriores conheceram com o nome *de capitalismo, de imperialismo, de colonialismo, ainda que com diferenças notórias*, que tornam necessária a redefinição desses termos nos conceitos assim como têm sido redefinidos na realidade.

Ante semelhante situação, pergunta-se se ao fazer ciências sociais, os herdeiros do pensamento crítico marxista ou não-marxista estão trabalhando com a profundidade necessária na definição do processo e no uso das categorias mais idôneas para contribuir para seu entendimento e controle. Talvez não. Talvez *devamos fazer esforços extraordinários para aprender de novo ciências sociais. Sem esquecer tudo que foi aprendido. Mas, necessitamos aprender a pensar e atuar frente a um sistema dominante que, sem*

A causa do que ocorre  
tampouco se limita à política  
neoliberal globalizadora.

*dúvida, tem aprendido muito, e necessitamos aprender ao lado dos movimentos sociais que também têm aprendido.*

## ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

É preciso formular as redefinições dos conceitos fundamentais que fazem parte do léxico tradicional e emergente. Enunciamos alguns:

### Primeiro

Não podemos nos manter no conceito de “modos de produção”. Necessitamos pensar sempre em termos de uma unidade complexa: “modos de dominação e de produção”. E mais, necessitamos usar outras categorias que permitam captar as situações concretas de luta em diversos ambientes e etapas, em vários contextos e culturas. Urge, ademais, corrigir a tendência ao economicismo, tão freqüente no pensamento crítico e não-crítico marxista. Se muitos neoliberais continuam com o discurso economicista de que a política que aplicam obedece às “leis do mercado”, nenhum de seus

chefes e patrões cai nessa armadilha. As classes dominantes sabem muito bem que suas organizações controlam o mercado com o apoio do Estado. Nos discursos públicos, os políticos-gerentes, bem como seus conselheiros combinam “a mão invisível” e “o punho invisível”, aquela que maneja o mercado e este que empunha o garrote. Thomas Friedman, do Departamento de Estado, já o disse com clareza: “A mão invisível do

mercado nunca funciona sem um punho invisível”. E acrescentou: “A globalização funcionará se os EUA funcionarem como um governo invencível.”<sup>14</sup>

### Segundo

Não podemos ficar no conceito de “sistema capitalista” ou de “ordem mundial capitalista”. Trata-se de um sistema feito de muitos sistemas e subsistemas, e de uma ordem em que as organizações desempenham um papel protagônico, sem precedente na história humana. E mais, trata-se de

um capitalismo organizado que entranha a ordem e a desordem a que todos os sistemas complexos estão sujeitos, e que as “novas ciências” explicam em um reencontro inegável e a miúdo inconfessável com as humanidades e com o pensamento crítico e dialético, inclusive com o marxista. De nossa parte, é preciso integrar não só as novas ciências e a lógica das tecnociências ao pensamento crítico e alternativo. Também é necessário ver como se juntam as tecnociências e a cultura hobbesiana do poder para organizar o sistema capitalista entre a ordem e a desordem mundial. Hobbes e as tecnociências estão na base da “guerra pós-moderna”, “da americanização do mundo”, da dívida externa que sujeita os governos endividados e os ata ao supergoverno mundial emergente.

O sistema capitalista hodierno tem levado as microestruturas e os modos mais gerais de comportamento dos empresários e seus governos, a uma organização mundial adaptativa e complexa orientada por fins hegemônicos de dominação e maximização de riquezas: nela se encontra *a ordem e a desordem das contradições clássicas hoje macroorganizadas e próximas ao caos.*

### Terceiro

Não podemos ficar no conceito tradicional de “luta de classes” que conserva um sentido fabril e economicista do que não consegue se desprender. O conceito de “exploração” tampouco é suficientemente compreensivo, ainda que seja um ponto de partida excelente para analisar as diferentes formas que a exploração – assalariada e não assalariada – reveste no tempo e no espaço e que hoje apunhalam ou desmoronam o sistema mundial no terreno político, cultural e social. Ambos conceitos, o de classes e o da exploração, requerem complementação ou superação pela dominação e apropriação do excedente e da riqueza à custa dos trabalhadores e dos povos, em processos de apropriação da mais valia e do capital acumulado, e em processos de distribuição e apropriação iníqua do excedente e da riqueza. Ambos conceitos vinculam o poder político, repressivo, informático, cultural e social com as relações de produção. Não privilegiam as “relações de produção” à maneira economicista: integram-nas a um todo complexo cujas partes se interdefinem nos processos de dominação e apropriação, repressão e acumulação, distribuição e mediação. É por isso que qualquer

E acrescentou:  
“A globalização funcionará  
se os EUA funcionarem  
como um governo  
invencível.”

análise baseada no “modo de produção” sem considerar que faz parte de uma unidade complexa e histórica com o “modo de dominação” e seus integrantes, é insuficiente.<sup>15</sup>

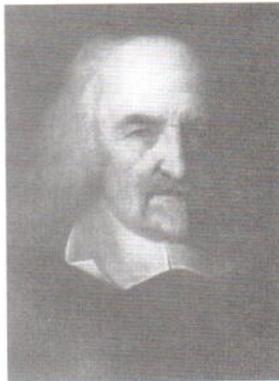
#### Quarto

Não podemos ficar com o conceito de “imperialismo” sem assinalar que na etapa da globalização, as demarcações das “fronteiras”, “do externo” e “o interno” (que serviram aos nacionalistas para ocultar as contradições internas atribuindo todos os males às externas) tem se confirmado cada vez mais no mundo. No interior das nações está o exterior. Em cada Estado-Nação se dão vínculos e redes com outros Estados-nação, com o capital multinacional e transnacional, com o Estado global incipiente e com seus associados locais. O mesmo *fenômeno de união entre o interior e o exterior* se repete nos projetos continentais e mundiais que tendem a aproximar, coordenar e dar uma formação parecida aos exércitos e às elites tecnocráticas nas diferentes regiões. *Se falamos de imperialismo, pensamos que este também se encontra em casa, se falamos de “dependência” não derivemos desse conceito a conclusão de que não vale a pena lutar pelos interesses nacionais – o território, a cultura, as empresas, os recursos – enquanto o capitalismo existir; e se falamos de colonialismo, pensemos que este não obedece às fronteiras nacionais, pois as atravessa em formas internacionais, transnacionais e internacionais.*

Os novos movimentos sociais, cada vez mais, descobrem a necessidade de vincular o local ao nacional e ao internacional. A luta contra as desnacionalizações, contra as privatizações e pela propriedade pública e social, tem início ao defender as nações em cada nação. Algo semelhante ocorre com o endividamento externo, com a liberação do mercado, com a desregulamentação dos direitos dos trabalhadores. As lutas têm que se dar no local, no nacional e no global, privilegiando umas ou outras em forma prática. E sem descuidar de nenhuma.

#### Quinto

Não podemos ficar no conceito de “desenvolvimento desigual” sem dar a este as características sociais, culturais, políticas e econômicas que tem,



Hobbes

e sem assinalar que às categorias de “centro” e “periferia” do mundo é preciso acrescentar as de “centro” e “periferia” em cada país e região do mundo. O mesmo ocorre com as categorias de fenômenos internacionais, há que acrescentar seu comportamento como um fenômeno “global” e como fenômenos internos. O “colonialismo global” e a luta pela autonomia das nações e povos é uma realidade de grande significado política: corresponde à redefinição do

Mundo e do império mundial na hora do neoliberalismo, ao findar a “Guerra Fria” e iniciarse a “Guerra permanente contra o terrorismo”. O colonialismo interno e a autonomia dos povos no interior da Nação-Estado alcançam um campo teórico e prático de grande importância para a solução de problemas concretos e para a acumulação de forças que se identificam em meio às diferenças entre as forças alternativas das zonas metropolitanas e das “colônias”. Pode-se verificar sua importância no caso da Irlanda, Córsega, no País Basco, Chipre e em países como o Canadá, África do Sul, México, Peru, Equador, Brasil, Chile, Guatemala, só para mencionar alguns. Suas possibilidades para fortalecer os movimentos nacionais e internacionais alternativos são crescentes. Sua presença em qualquer projeto de um sistema mundial democrático e socialista é ineludível.

#### Sexto

Pensemos por outro lado que os conceitos que originalmente se usaram para os países periféricos como “marginalização” (dos benefícios do desenvolvimento) ou “dualização” (da sociedade, da cultura, da política e da economia), ou “exclusão” (dos bens e serviços elementares da vida), bem como os de “sociedade formal” e “informal” (precursora da “regulada” e “desregulada”), são conceitos que, hoje, também se aplicam ao centro do mundo, e aos países metropolitanos centrais. Em quase todos os países estão se dando, junto com os fenômenos de colonialismo global, internacional e interno, os fenômenos de dualização, marginalização, desregulamentação e exclusão. Esses fenômenos possibilitam novas alianças antes inimagináveis que tendem a redefinir a luta de classes com metas

comuns dos trabalhadores sindicalizados ou não, dos países metropolitanos e das pós-colônias tanto na periferia de cada país como na Periferia Mundial.

Sétimo

Existem categorias e conceitos que os movimentos alternativos e os intelectuais orgânicos dos mesmos têm tomado com razão das ciências sociais que não vem do pensamento crítico marxista. Muitos desses conceitos foram rejeitados pela ortodoxia marxista, mas são indispensáveis para uma análise atualizada do capitalismo e do imperialismo na hora da globalização. Registram e explicam fenômenos que vêm aparecendo ao longo do desenvolvimento capitalista. Se a capacitação dos

mesmos fica em explicações parciais ou vagas, os intelectuais orgânicos do pensamento alternativo têm que complementá-los ou precisá-los. Os conceitos de marginalidade, dualização, sociedade informal, exclusão, periferia e centro, dependência, colonialismo global e interno, em suas versões críticas mais profundas especificam e concretizam as análises de classes, os das relações de exploração, o modo de produção, o capital monopolista, o neocapitalismo, o neocolonialismo e

A construção teórica  
e prática se fez nos  
novos movimentos  
sociais mesmo  
sem querer.

muitos mais que vêm da lexicologia e da teoria marxista clássica.

Além dos conceitos mencionados, existem outros de uso freqüente entre os movimentos alternativos, como o de “movimento social”, o de “sociedade civil”, o de “democracia com poder do povo e pluralismo”, o de “moral”, o de “gênero”, o de direitos às diferenças culturais e às inclinações sexuais. Fazem parte do discurso e da organização dos novos movimentos sociais. Aprofundar-se neles e precisá-los torna-se absolutamente necessário para o pensamento crítico. O uso e a redefinição das categorias reais e conceituais pelos próprios movimentos alternativos constitui um legado de experiências vividas e uma contribuição criadora. Em ambos os sentidos os novos usos e redefinições são muito importantes, sobretudo devido à crise

das ideologias que se deu no fim do século XX, e que os primeiros a descobrir foram, por um lado, os pensadores da “nova esquerda” e, por outro, os “neoconservadores”, aqueles criticando tanto o sistema capitalista como o “socialismo real” e estes ao socialismo de Estado do Bloco Soviético e da China.

#### PARA UMA TEORIA ALTERNATIVA DA “AÇÃO ORIENTADA PARA FINS”

Desde o fim do século XX, e sobretudo a partir da última década, “a sociedade civil das comunidades oprimidas” e seus aliados geraram um discurso político novo. Esse começou a apontar uma nova “Teoria coletiva da ação orientada para fins”, como dizem Bond e Mayekiso em “O desenvolvimento da resistência”, uma das análises mais notáveis sobre o tema.<sup>16</sup> Os próprios atores dos movimentos estabeleceram a redefinição da “sociedade civil”, como “a sociedade civil da classe trabalhadora”.<sup>17</sup> Muitos se propuseram “construir e manter uma consciência de classe na sociedade civil das comunidades oprimidas”.

A construção teórica e prática se fez nos novos movimentos sociais mesmo sem querer. A luta de classes – com todas as suas mediações e metamorfoses – tornou-se e torna-se evidente cada vez que os movimentos sociais se chocam com a união de seus opressores e exploradores, dos latifundiários, chefes políticos, paramilitares, militares, publicistas, empresários de transporte, do álcool, da madeira; ou com as companhias, os gerentes e os patrões, os negociantes de abastecimento e distribuição, os funcionários locais, os governos de províncias, nacionais e estrangeiros.

No choque, os movimentos sociais descobrem quem de seus integrantes têm interesses parecidos ou são conseqüentes com eles e formam uma frente comum, que os faz pertencer a uma espécie de “classe”. Mas os que lutam contra *eles* não os enfrentam como se enfrentassem a um todo, nem eles mesmos consideram em seus *nós* serem um todo. A luta se realiza entre repressões e mediações, entre conflitos e negociações, entre enfrentamentos e consensos, com graves perdas e dores para a sociedade civil dos oprimidos, dos discriminados, excluídos e explorados. Algumas dessas perdas são individuais, outras coletivas.

O conceito de “luta de classes” se esclarece quando se ouviu falar dele e se vêem as reações violentas dos proprietários frente à possibilidade de perder a menor de suas benesses, ou o menor de seus privilégios. Porém, inclusive nessa luta da classe dos oprimidos e explorados contra a classe dos opressores e exploradores não aparece *uma classe para si com um partido, com uma filosofia, com uma vanguarda, com um líder, mas um “nós” inclusivo* que mantém como referência ética e política à sociedade civil das comunidades oprimidas. O estudo deste “nós” inclusivo e variável constitui um dos objetivos mais importantes do conhecimento das organizações e classes no mundo atual. Conduz a uma teoria feita de muitas teorias sobre o Estado e o sistema político, sobre o mercado e o capitalismo, sobre os complexos militares-industriais de dominação e exploração e seus associados ou subordinados.

#### PARA A HISTÓRIA E PROSPECÇÃO DOS CONCEITOS

Reconhecer as experiências que envolvem o novo e emergente com a história anterior permitirá ajustar conceitos e termos para a construção de uma *alternativa em condições muito variáveis* no tempo histórico e no espaço social. Conhecer essas experiências particulares e suas formas de alcançar o universal permitirá conhecer de uma maneira mais íntima e útil a unidade na diversidade. Nessas experiências se encontra – como exemplo – a nova Odisséia que deve percorrer um índio mexicano a partir de uma localidade marginal quando começa a enfrentar o medo à repressão e a abandonar o agradecimento à caridade; quando vive a “conversão”, quando se ilumina com a “esperança”, se fortalece com a “dignidade”, luta contra a discriminação e contra a integração, reclama seus direitos humanos, cidadãos e seus direitos à diferença. Descobre ser parte de uma comunidade crescente, local, nacional, humana, cuja fortaleza coletiva permite criar organizações que se orientem para alcançar determinados fins. Descobre o nós inclusivo dos tzeltales, tzotziles, tojolabales, zoques e de muitos mais, italianos, franceses, norte-americanos, espanhóis, todos “irmãos” ou inclusive “companheiros”. Descobre o nós organizado como “Exército Zapatista de Libertação Nacional”, “bases de apoio”, redes solidárias mexicanas, indo-

mexicanas, indoamericanas, intercontinentais. Descobre a possibilidade de conseguir por meios pacíficos o que acreditava conseguir somente através da guerra e vê como uma parte lhe é arrebatada e outra fica na consciência e organização dos povos. Descobre como as forças dominantes e seus auxiliares tratam de truncá-lo, de mediá-lo, de cooptá-lo; como o ameaçam, como o reprimem, como expulsam povos inteiros de suas casas e terras de lavoura; como soldados e capitães o tratam com desprezo, como o lançam aos cachorros e açulam os paramilitares, e os capangas como o metem no cárcere por um delito que não cometera, como o torturam e humilham. Descobre algo mais: quem o apoia até tomar parte em sua luta e quem o enfrenta com atitudes paternalistas que são autoritárias. Vive a experiência do que já sabia na consciência. Descobre que está lutando contra o neoliberalismo e pela humanidade. Vê como se solidarizam com ele movimentos sociais e organizações não governamentais, e alguns sindicatos, e de vez em quando, partidos políticos de esquerda... Nas alianças com seus amigos, irmãos e companheiros; em seu próprio movimento, descobre “contradições” e vê que são tão importantes ou mais que as que tem com os “senhores do poder e do dinheiro”.

Nas *contradições do nós* a que pertence intui sua vulnerabilidade íntima e aos seus. Vê como se agita a discórdia em suas próprias organizações, e como a exacerbam os “desesperados” ou os agentes provocadores. Vê como atua a cultura escravizante e o poder do dinheiro. Enquanto está lutando contra a sociedade opressiva em que vive descobre que “os senhores do poder e do dinheiro” preparam novos projetos que obscurecem o porvir. Encontra-se com planos elaborados em Washington e pactuados com os governos latino-americanos, como o novo enclave que organizam de Puebla até o Panamá, ou a Alça, Área de Livre Comércio das Américas, megaprojeto de um “Grande Pátio Traseiro”. Alguém recorda que foi assim que os respectivos governos do Congo, Zaire, Gabão,

Vê como se agita a discórdia em suas próprias organizações, e como a exacerbam os “desesperados” ou os agentes provocadores.

República Centro Africana entregaram grandes regiões para que “sistemas de companhias concessionárias se dediquem à pilhagem” e muitos denunciam que se trata de novos planos de expansão e consolidação imperial.

Também a democracia vive de poucos para poucos com poucos, com sua alternância de partidos que sustentam a mesma política neoliberal e globalizadora, excludente e opressiva, discriminadora e cortês, hipócrita e exploradora, com seus líderes de “esquerda” que vão se integrando pouco a pouco ao sistema sem lutar ao lado dos oprimidos não-indígenas e muito menos ainda com os indígenas contra o poder do dinheiro, a repressão e a discriminação. No caminho,, descobre a importância de sua autonomia, de sua pessoa, de sua comunidade e das organizações de cidadãos, de povos e de trabalhadores. Também descobre que ao longo do espaço percorrido, as bandeiras pelas quais luta têm despertado a consciência de muitas pessoas no México e no mundo. Depois descobre pelas notícias que lhe chegam de Seattle, que os movimentos do mundo estão se aproximando cada vez mais de seus projetos de democracia inclusiva e a projetos anticapitalistas que recolocam de maneira mais profunda o velho no novo. E vê como a guerra contra o “terrorismo” se volta contra todos, até contra os que são contra o terrorismo.

No longo caminho, indígenas e não indígenas redescobrem, com a democracia como poder e pluralismo, o projeto socialista e a vasta experiência que o acompanha. Mas a volta do projeto socialista não tira seu papel hegemônico ao projeto de democracia com poder e pluralismo. Ao contrário, recoloca o problema de como continuar dando prioridade à democracia em condições crescentes de barbárie, assédio e miséria e com plena consciência de que sem democracia não haverá

socialismo e sem socialismo não haverá democracia. Esse é o problema principal a estudar nos projetos e processos anteriores e nos atuais.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Patrick Bond & Nzwanela Mayesiko, “Developing Resistance, Resisting Development: Reflections from the South African Struggle”, em *Socialist Register*, 1996, pp. 33-61.
- <sup>2</sup> Cf. Louise Wetherbee Phelps, *Composition as a Human Science* (Oxford: Oxford University Press, 1988), pp. 160-182.
- <sup>3</sup> Vide Herbert A. Simon, *The Sciences of the Artificial* (Cambridge: MIT Press).
- <sup>4</sup> Vide Pablo González Casanova, “El socialismo como alternativa global”, *Casa de las Américas*, Habana, abril-junho, 2001, pp. 95-100.
- <sup>5</sup> Vide Erich Hobsbawm, *The Age of Extremes, A History of the World 1914-1991* (New York: Vintage, 1996), pp. 558 e ss. É um livro fundamental para fazer essa recapitulação histórica.
- <sup>6</sup> Noam Chomsky, “Controlar nuestras vidas”, em *Observatorio social de América Latina*, janeiro, 2001 (3), p. 16.
- <sup>7</sup> Sobre a apropriação do conceito de democracia pelas elites, ver Anthony Arblaster, *Democracy* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987), pp. 26-57.
- <sup>8</sup> *Observatorio Social de América Latina*, janeiro, 2001, (3), pp. 45-47.
- <sup>9</sup> “Llamado de Porto Alegre para las próximas movilizaciones” em José Seoane & Emilio Taddei (eds), *Resistências mundiais. De Seattle a Porto Alegre* (Buenos Aires: Clacso, 2002), pp. 201-207.
- <sup>10</sup> Ver “Editorial. Des Alternatives crédibles au capitalisme mondialisé”, em *Alternatives Sud*, Vol. VIII, 2, 2001, pp. 7-26.
- <sup>11</sup> Immanuel Wallerstein, *Unthinking Social Science* (Cambridge: Polity Press, 1991), p. 23.
- <sup>12</sup> Samir Amin, *Les défis de la mondialization* (Paris: L’Harmattan, 1996), pp. 305-306 e 335.
- <sup>13</sup> Manuel de Landa, *The War in the Age of Intelligent Machines* (New York: Swerve Editions, 1991).
- <sup>14</sup> *Alternatives Sud*, cit.
- <sup>15</sup> Pablo González Casanova, “Negotiated Contradictions”, em *Socialist Register 2002. A World of Contradictions*, pp. 265-273.
- <sup>16</sup> *Ibid.*
- <sup>17</sup> *Ibid.*, p. 35